

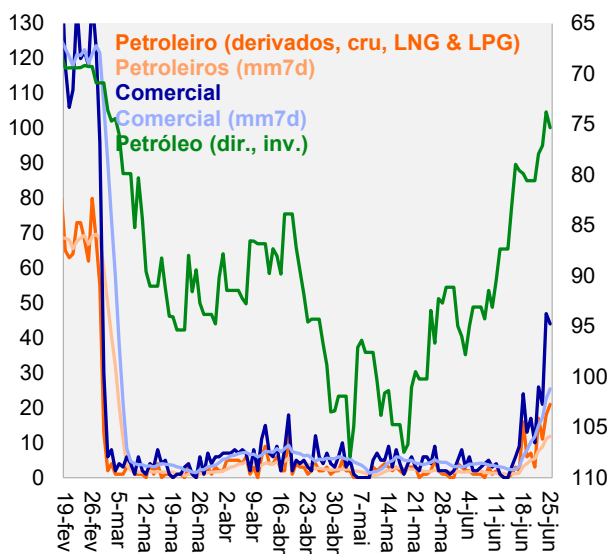
## Inflação mais alta e atividade resiliente levarão à alta de juros

- ▶ **Geopolítico:** acordo entre Estados Unidos e Irã viabiliza a reabertura do Estreito de Ormuz. Esperamos o petróleo em US\$ 80/barril em 2026 e US\$ 75/barril em 2027, com diminuição gradual do prêmio de risco geopolítico e o retorno a um mercado estruturalmente superavitário.
- ▶ **EUA:** inflação fora da meta e em aceleração, combinada à melhora do emprego, deve levar o Fed a subir os juros duas vezes neste ano, em setembro e outubro.
- ▶ **Europa:** nova alta de juros para 2,50% pelo ECB pode esperar até setembro (vs. julho em nosso cenário anterior) diante da resolução do conflito. A alta de juros do Fed implica um cenário de dólar mais forte, com o Euro em 1,13 neste e no próximo ano.
- ▶ **China:** sem necessidade de estímulos adicionais em meio à resiliência das exportações.
- ▶ **América Latina:** crescimento moderado, inflação puxada por choques de oferta e trajetórias de política monetária divergentes.

### Inflação persistente e Fed reativo tornam altas de juros mais prováveis

Revisamos nosso cenário de petróleo para US\$ 80/barril (de US\$ 85/barril) no fim de 2026 após o acordo entre Estados Unidos e Irã. Apesar do acordo prever a reabertura do Estreito de Ormuz (ver gráfico), ainda ocorrem negociações sobre os principais pontos de divergência, como a questão nuclear do Irã e a própria governança e controle do estreito no pós-conflito. Para 2027, mantemos nossa projeção de queda do preço da commodity para US\$ 75/barril no fim do ano. Estruturalmente, o balanço da commodity é superavitário, diante da maior produção de países fora da OPEP e de um cartel mais enfraquecido após a saída dos Emirados Árabes Unidos. Ainda assim, o prêmio de risco geopolítico e uma possível recomposição de estoques podem limitar um retorno rápido do preço ao patamar pré-conflito (entre US\$ 60–65/barril).

### Preço do petróleo recuou mais intensamente em meio a início de normalização do fluxo na região

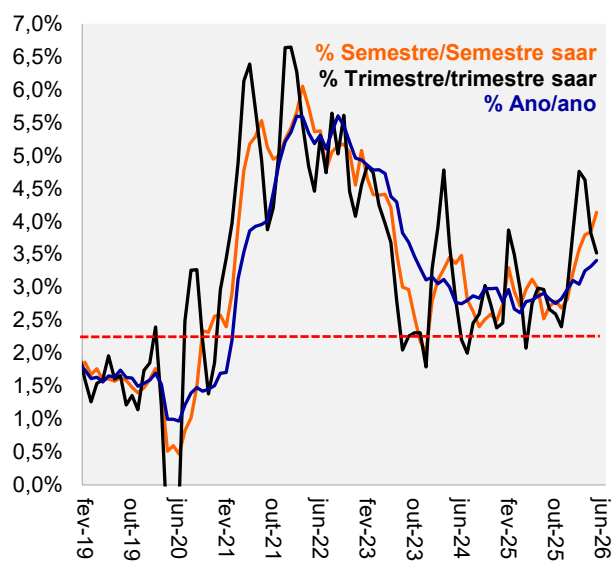


Fonte: Haver, Itaú

**Nos Estados Unidos, a inflação tem se mostrado pior que o esperado pelo Fed, que precisou elevar significativamente suas projeções em junho.** O núcleo do PCE mostrou um ritmo médio da variação mensal de 0,34% de janeiro a maio, bem acima do necessário para a convergência à meta (0,17%) e também acima do ritmo médio do mesmo período nos anos anteriores (0,26% em 2025; 0,30% em 2024). Isso se dá pela sucessão de choques inflacionários que

afetam a economia: (i) tarifas (desde 2025), (ii) aumento dos custos dos insumos relacionados a inteligência artificial e (iii) alta dos preços de energia. Com isso, a variação anual do núcleo atingiu 3,5% em maio e mostra reaceleração (ver gráfico). Continuamos a projetar persistência da inflação à frente, terminando esse ano em 3,3% e o ano que vem em 2,9%. Ao mesmo tempo, os indicadores de emprego continuaram a mostrar melhora, com estabilidade da taxa de desemprego, deixando apenas o mandato de estabilidade de preços fora da meta do banco central.

### Núcleo da inflação ao consumidor (PCE) em 3,4% a/a em maio



Fonte: Haver, Itaú

Como resposta, o Fed elevou suas projeções de inflação na última reunião e os membros do FOMC passaram a considerar altas de juros à frente. A reunião foi a primeira de Kevin Warsh como presidente do Fed e foi marcada por um comunicado mais minimalista, com maior foco na inflação e menor sinalização dos próximos passos. Warsh também não enviou projeções no chamado *Dot Plot* (ver abaixo). O Fed deve conduzir nos próximos meses forças-tarefa para reformar e/ou avaliar sua (i) comunicação, (ii) gestão do balanço, (iii) fontes e governança no uso de dados, (iv) avaliação de produtividade e emprego em um mundo de IA e (v) estrutura e métricas de mensuração da inflação.

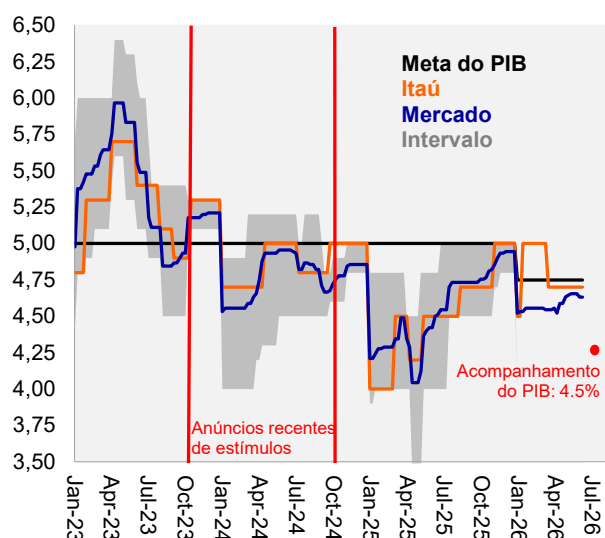
As projeções mostraram que 9 dos 18 membros que enviaram projeções esperam alta de juros neste ano, dos quais 6 esperam mais de uma alta. Além disso, a distribuição das projeções de inflação mostra que os 9 demais membros, que não esperam alta de juros, projetam inflação abaixo da mediana do Comitê, o que sugere que, em caso de manutenção das pressões inflacionárias, como esperamos em nosso

cenário base, esses membros tendem a revisar as projeções e considerar altas de juros à frente. **Com isso, passamos a projetar duas altas de juros do Fed esse ano, em setembro e outubro.**

**Dados fortes e Fed mais duro levam a um cenário de dólar mais forte.** A combinação de um Fed mais duro e a consequente reprecificação de altas de juros, em meio a um cenário de atividade ainda resiliente nos Estados Unidos, impulsionou o dólar nas últimas semanas e mais do que compensou a redução da incerteza associada à guerra. Assim, revisamos para cima nossa projeção de DXY neste ano (de 98,2 para 102,2) e no próximo (de 97,8 para 101,7), o que é consistente com uma revisão do Euro de 1,18 para 1,13 tanto neste ano quanto no próximo.

**Na Europa, o banco central entregou a alta de juros em junho, mas o alívio nos preços de energia retira a urgência de mais uma alta. Esperamos uma nova alta de juros apenas em setembro (vs. julho em nosso cenário anterior).** O PIB do primeiro trimestre foi revisado para uma queda de 0,2% t/t (de -0,1% t/t), refletindo um choque no crescimento da Irlanda (-12% t/t). Além disso, as sondagens de confiança da indústria e de serviços mostraram fraqueza diante do choque do petróleo, principalmente no componente de emprego. Dessa forma, revisamos nossa projeção de crescimento para 0,5% (de 0,9%) em 2026, mas mantemos a expectativa de crescimento em 1,2% para 2027. Nossa expectativa é que o ECB leve a taxa de juros em 2026 para 2,50%, o topo das estimativas de juro neutro, com essas altas sendo logo revertidas em 2027.

**Na China, mantemos nossas projeções de crescimento em 4,7% em 2026 e em 4,5% para 2027.** Os dados de atividade do segundo trimestre mostraram mais uma rodada de fraqueza da demanda doméstica. Nosso *tracking* de crescimento para o ano está em 4,5%, no piso da banda de meta de crescimento deste ano (entre 4,5%–5,0%). Por outro lado, as exportações seguem como o principal pilar de crescimento chinês, impulsionadas agora pelo ciclo de inteligência artificial, o que mantém baixa a urgência por estímulos à demanda doméstica.

**China: Projeções de PIB para o ano**

Fonte: Haver, Itaú

Na Colômbia, o crescimento segue **relativamente resiliente, porém em moderação**, sustentado por consumo e atividade de serviços sólidos. Apesar da demanda doméstica favorável, choques relacionados ao clima e condições financeiras mais apertadas devem pesar sobre a atividade. **Projetamos alta do PIB de 2,2% em 2026 e 2,4% em 2027**, com a recuperação do investimento ajudando a mitigar choques transitórios.

O México apresenta um **panorama misto**, com sinais iniciais de recuperação no 2T26 após um primeiro trimestre fraco. A demanda externa — em particular as exportações ligadas aos ciclos globais de tecnologia — segue sustentando a atividade, compensando a fraqueza doméstica. Contudo, a moderação do consumo e a dinâmica fraca do investimento sugerem apenas uma recuperação gradual, com a incerteza associada à renegociação do USMCA permanecendo um obstáculo relevante.

O crescimento do PIB da Argentina é projetado em **3,5% em 2026**, impulsionado pelos setores primários e pela melhora dos saldos externos, após um primeiro trimestre mais forte do que o esperado. Embora os indicadores de curto prazo sigam mistos, a desinflação esperada e os juros mais baixos devem sustentar gradualmente o consumo e o investimento, ainda que o baixo carregamento estatístico e a fraqueza da demanda doméstica introduzam riscos no curto prazo.

**Inflação**

**A inflação na região permanece elevada, mas é cada vez mais determinada por fatores de oferta**, com convergência gradual e desigual em direção à meta. No Chile, as pressões inflacionárias decorrem majoritariamente de choques externos — sobretudo dos preços de energia —, enquanto a inflação de núcleo segue contida. **Isso reforça a expectativa de convergência gradual à meta de 3%**, com a projeção de inflação para o fim do ano revisada para baixo, a **4,1% em 2026**.

**O Peru enfrenta pressões inflacionárias mais persistentes**, com dados recentes mostrando alta da inflação de núcleo e forte momentum sequencial. Fatores ligados à oferta, incluindo preços de alimentos e os riscos de El Niño, seguem pressionando a inflação para cima, com projeção de 4,4% para o fim de 2026, acima da meta, e convergência esperada apenas em 2027.

**América Latina: crescimento fraco, inflação puxada pela oferta e trajetórias de política divergentes****Crescimento**

O panorama de crescimento na América Latina aponta para **um ponto de partida fraco em 2026, seguido de recuperação gradual ao longo de 2027**, com diferenciação relevante entre as economias. No Chile, a atividade segue contida, em razão de uma contração no início do ano provocada por disrupções de oferta — particularmente na mineração — e por uma demanda doméstica fraca. As condições frágeis do mercado de trabalho e o crescimento limitado do crédito seguem restringindo o consumo, embora uma carteira de projetos de investimento e termos de troca mais favoráveis devam sustentar uma recuperação gradual. **Projetamos crescimento de 1,5% em 2026 e 3,1% em 2027**, refletindo uma dinâmica de investimento que melhora ao longo do tempo.

O Peru se destaca com **maior dinamismo**, apoiado por demanda doméstica resiliente, exportações robustas e um mercado de trabalho firme. Esperamos crescimento acima de 3% em 2026, favorecido por fortes efeitos de carregamento e pela continuidade da expansão nos setores não primários. No entanto, a probabilidade crescente de um forte evento de El Niño impõe riscos baixistas, podendo pesar sobre os setores primários e reduzir o crescimento, ainda que parcialmente compensado por maior atividade em outros segmentos.

A Colômbia se destaca com **inflação significativamente mais alta e mais entranhada**, impulsionada por efeitos de indexação, demanda doméstica forte e choques relacionados ao clima. Esperamos que a inflação permaneça bem acima da meta, atingindo **7,5% no fim de 2026**, à medida que a alta dos preços de alimentos e energia, ligada ao El Niño, exerce pressão altista.

**No México, a inflação está em uma trajetória de desinflação gradual**, apoiada pelo alívio nos preços de bens e por expectativas estáveis. No entanto, a inflação de serviços segue resistente, atrasando a convergência plena à meta. Esperamos que a inflação alcance **4,1% no fim de 2026**, com um processo de normalização lento a partir de então.

**A Argentina segue registrando inflação alta, porém em desaceleração, com projeções em torno de 30% para o fim de 2026.** Embora a desinflação esteja em curso, **o ritmo permanece gradual**, refletindo pontos estruturais de rigidez e os desafios associados à estabilização das expectativas e às "últimas milhas".

De modo geral, **a dinâmica inflacionária regional reflete uma mudança em direção a pressões** puxadas pela oferta, incluindo volatilidade de energia, movimentos cambiais e choques climáticos, com riscos em geral inclinados para cima no curto prazo.

#### Política monetária

**A política monetária na América Latina caminha para uma fase mais divergente e dependente de dados**, refletindo diferenças na persistência da inflação e nas condições de crescimento. **No Chile, o banco central mantém uma postura neutra e cautelosa**, conservando os juros estáveis enquanto monitora as expectativas de inflação e os efeitos de segunda ordem do choque do petróleo. Com o balanço de riscos de inflação tornando-se mais equilibrado, as expectativas de mercado passaram a apontar para **possíveis cortes de juros**, embora restrições

externas — sobretudo o aperto do Fed — sigam relevantes.

**No Peru, o banco central manteve a taxa de juros inalterada**, mas sinalizou um provável retorno ao aperto em resposta à inflação persistente e aos riscos de El Niño. Esperamos uma alta acumulada de juros mais adiante em 2026, acompanhada de contínua intervenção cambial para administrar a volatilidade da moeda.

**A Colômbia apresenta a postura mais claramente restritiva**, com expectativa de que o banco central retome o ciclo de aperto e eleve os juros para cerca de 13% até o fim de 2026, refletindo a inflação elevada e as expectativas acima da meta. A política monetária deve permanecer restritiva por mais tempo para ancorar a credibilidade, mesmo com a moderação do crescimento.

**O banco central do México deve manter uma abordagem de esperar para ver**, conservando os juros em nível neutro de 6,5%, enquanto avalia o ritmo da desinflação, no contexto de um amplo hiato do produto negativo. A política segue dependente de dados, com eventual aperto condicionado a pressões cambiais ou a novos choques de inflação.

Na Argentina, a política monetária evolui dentro de um arcabouço mais amplo de estabilização, no qual a **inflação mais baixa e a melhora da dinâmica fiscal** permitem, gradualmente, afrouxar as condições financeiras. Ainda assim, preservar a credibilidade da política e apoiar a recomposição de reservas seguem como prioridades centrais.

**De modo geral, a região reflete uma divergência crescente de política monetária**, com algumas economias se aproximando de ciclos de afrouxamento enquanto outras permanecem em modo de aperto, todas em um cenário externo altamente incerto e de inflação puxada pela oferta.

## Global | Dados e projeções

	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026P		2027P	
								Atual	Anterior	Atual	Anterior
<b>Economia mundial</b>											
<b>Crescimento do PIB Mundial - %</b>	2,8	-2,8	6,3	3,5	3,2	3,2	3,3	<b>3,2</b>	3,2	<b>3,4</b>	3,4
EUA - %	2,6	-2,1	6,2	2,5	2,9	2,8	2,1	<b>2,4</b>	2,4	<b>2,2</b>	2,2
Zona do Euro - %	1,6	-6,2	6,4	3,7	0,6	0,9	1,5	<b>0,5</b>	0,9	<b>1,2</b>	1,2
China - %	6,2	2,0	7,7	3,0	5,4	5,0	5,0	<b>4,7</b>	4,7	<b>4,5</b>	4,5
<b>Inflação</b>											
EUA: CPI - %, final do período	2,3	1,3	7,2	6,4	3,3	2,9	2,7	<b>3,8</b>	3,8	<b>2,7</b>	2,7
EUA: Núcleo* do CPI - %, final de período	2,3	1,6	5,5	5,7	3,9	3,2	2,6	<b>3,0</b>	3,0	<b>3,0</b>	3,0
<b>Taxas de juros e moedas</b>											
Fed funds - %, final de período	1,63	0,13	0,13	4,15	5,38	4,52	3,63	<b>4,13</b>	3,63	<b>4,13</b>	3,13
Treasury 10 anos (EUA) - %, final de período	2,00	0,93	1,47	3,88	3,88	4,58	4,18	<b>4,50</b>	4,25	<b>4,50</b>	4,00
Taxa de depósito BCE - %, final de período	0,00	0,00	-0,50	2,00	4,00	3,00	2,00	<b>2,50</b>	2,50	<b>2,00</b>	2,00
USD/EUR - final de período	1,12	1,22	1,13	1,07	1,10	1,04	1,17	<b>1,13</b>	1,18	<b>1,13</b>	1,18
CNY/USD - final de período	7,01	6,54	6,37	6,92	7,13	7,30	6,99	<b>6,80</b>	6,90	<b>6,80</b>	6,90
Índice DXY* - final de período	96,4	89,9	95,7	103,5	101,3	108,5	98,3	<b>102,2</b>	98,2	<b>101,7</b>	97,8

Fonte: FMI, Bloomberg, Itaú

\* O DXY é um índice para o valor internacional do dólar americano, que mede seu desempenho em relação a uma cesta de moedas incluindo: euro, iene, libra, dólar canadense, franco suíço e coroa sueca.

## Cenários comparados

### Mundo

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	3,3	<b>3,2</b>	3,2	<b>3,4</b>	3,4

### Brasil

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	2,3	<b>2,1</b>	2,1	<b>1,7</b>	1,7
BRL / USD (dez)	5,47	<b>5,30</b>	5,15	<b>5,50</b>	5,35
Taxa de Juros (dez,%)	15,00	<b>14,00</b>	13,75	<b>12,50</b>	12,50
IPCA (%)	4,3	<b>5,4</b>	5,4	<b>4,5</b>	4,5

### Argentina

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	4,4	<b>3,5</b>	3,5	<b>3,0</b>	3,0
ARS / USD (dez)	1459	<b>1600</b>	1600	<b>2100</b>	2100
Taxa de referência (dez,%)	27,0	<b>26,0</b>	26,0	<b>25,0</b>	25,0
IPC (%)	31,5	<b>30,0</b>	30,0	<b>25,0</b>	25,0

### Colômbia

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	2,6	<b>2,2</b>	2,1	<b>2,4</b>	2,3
COP / USD (dez)	3757	<b>3400</b>	3600	<b>3400</b>	3600
Taxa de Juros (dez,%)	9,25	<b>13,00</b>	12,50	<b>11,50</b>	11,00
IPC (%)	5,1	<b>7,5</b>	7,0	<b>5,8</b>	5,7

### Paraguai

	2025	2026		2027	
	Atual	Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	6,6	<b>4,0</b>	4,0	<b>4,0</b>	4,0
PYG / USD (dez)	6598	<b>6450</b>	6450	<b>6500</b>	6500
Taxa de Juros (dez,%)	6,00	<b>5,50</b>	5,50	<b>5,50</b>	5,50
IPC (%)	3,1	<b>4,0</b>	4,0	<b>3,5</b>	3,5

Fonte: Itaú

### América Latina e Caribe

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	2,5	<b>2,4</b>	2,5	<b>2,5</b>	2,5

### México

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	0,5	<b>1,1</b>	1,1	<b>1,8</b>	1,8
MXN / USD (dez)	18,0	<b>18,4</b>	18,4	<b>18,9</b>	18,9
Taxa de Juros (dez,%)	7,00	<b>6,50</b>	6,50	<b>6,50</b>	6,50
IPC (%)	3,7	<b>4,1</b>	4,1	<b>3,8</b>	3,8

### Chile

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	2,5	<b>1,5</b>	1,5	<b>3,1</b>	3,1
CLP / USD (dez)	900,6	<b>880,0</b>	860,0	<b>870,0</b>	850,0
Taxa de Juros (dez,%)	4,50	<b>4,50</b>	4,50	<b>4,50</b>	4,50
IPC (%)	3,5	<b>4,1</b>	4,5	<b>3,0</b>	3,0

### Peru

	2025	2026		2027	
		Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	3,4	<b>3,3</b>	3,3	<b>3,0</b>	3,0
PEN / USD (dez)	3,36	<b>3,40</b>	3,40	<b>3,40</b>	3,40
Taxa de Juros (dez,%)	4,25	<b>4,75</b>	4,75	<b>4,75</b>	4,75
IPC (%)	1,5	<b>4,4</b>	4,4	<b>2,6</b>	2,6

### Uruguai

	2025	2026		2027	
	Atual	Atual	Anterior	Atual	Anterior
PIB (%)	1,8	<b>1,2</b>	1,2	<b>1,5</b>	1,5
UYU / USD (dez)	39,0	<b>40,5</b>	39,5	<b>41,0</b>	40,0
Taxa de Juros (dez,%)	7,50	<b>6,25</b>	5,75	<b>7,00</b>	6,50
IPC (%)	3,6	<b>4,9</b>	4,9	<b>4,5</b>	4,5

## Commodities

	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026P		2027P	
							Atual	Anterior	Atual	Anterior
Petróleo (Brent) (USD/barril)	50	75	82	77	73	61	<b>80</b>	85	<b>75</b>	75
Minério de ferro (USD/ton)	153	116	110	135	103	104	<b>95</b>	95	<b>75</b>	75
Cobre (USD/ton)	7788	9525	8402	8489	9030	11763	<b>12600</b>	12600	<b>12100</b>	12100
Milho (Usd/bu)	437	592	656	480	444	444	<b>500</b>	500	<b>500</b>	500
Soja (Usd/bu)	1207	1290	1474	1311	984	1077	<b>1150</b>	1150	<b>1250</b>	1250
Trigo (Usd/bu)	604	790	757	619	548	532	<b>700</b>	700	<b>700</b>	700
Açúcar (Usd/lb)	15	19	20	22	20	15	<b>15</b>	15	<b>16</b>	16
Café (Usd/lb)	123	235	166	188	321	360	<b>250</b>	250	<b>250</b>	250

Fonte: BBG, Itaú

## Pesquisa macroeconômica – Itaú

**Mario Mesquita** – Economista-Chefe

Para acessar nossas publicações e projeções visite nosso site:

<https://www.itaubba.com.br/itaubba-pt/analises-economicas>

**App Itaú Análises Econômicas**

Notícias sobre economia na palma da sua mão, com vídeos e comentários de nossos especialistas.

Baixe agora na App Store ou Google Play

## Informações Relevantes

1. Este relatório foi desenvolvido e publicado pelo Departamento de Pesquisa Macroeconômica do Itaú Unibanco S.A. ("Itaú Unibanco"). Este relatório não é um produto do Departamento de Análise de Ações do Itaú Unibanco ou da Itaú Corretora de Valores S.A. e não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Instrução CVM n.º 20, de 2021.
2. Este relatório tem como objetivo único fornecer informações macroeconômicas e não constitui e nem deve ser interpretado como sendo uma oferta de compra e/ou venda ou como uma solicitação de uma oferta de compra e/ou venda de qualquer instrumento financeiro, ou de participação em uma determinada estratégia de negócios em qualquer jurisdição. As informações contidas neste relatório foram consideradas razoáveis na data em que o relatório foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. Entretanto, o Itaú Unibanco não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. O Itaú Unibanco não possui qualquer obrigação de atualizar, modificar ou alterar este relatório e informar o respectivo leitor.
3. As opiniões expressas neste relatório refletem única e exclusivamente as visões e opiniões pessoais do analista responsável pelo conteúdo deste material na data de sua divulgação e foram produzidas de forma independente e autônoma, inclusive em relação ao Itaú Unibanco, à Itaú Corretora de Valores S.A. e demais empresas do grupo econômico do Itaú Unibanco.
4. Este relatório não pode ser reproduzido ou redistribuído para qualquer outra pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento por escrito do Itaú Unibanco. Informações adicionais sobre os instrumentos financeiros discutidos neste relatório encontram-se disponíveis mediante solicitação. O Itaú Unibanco e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza e tampouco se responsabilizará por quaisquer decisões, de investimento ou e outra, que forem tomadas com base nos dados aqui divulgados.

**Observação Adicional:** Este material não leva em consideração os objetivos, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer cliente em particular. Os clientes precisam obter aconselhamento financeiro, legal, contábil, econômico, de crédito e de mercado individualmente, com base em seus objetivos e características pessoais antes de tomar qualquer decisão fundamentada na informação aqui contida. Ao acessar este material, você declara e confirma que compreende os riscos relativos aos mercados abordados neste relatório e às leis em sua jurisdição referentes a provisão e venda de produtos de serviço financeiro. Você reconhece que este material contém informações proprietárias e concorda em manter esta informação somente para seu uso exclusivo.

**SAC Itaú:** Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias, fale com o SAC Itaú: 0800 728 0728. Ou entre em contato através do nosso portal <https://www.itaubr.com.br/atendimento-itaubr-para-voce/>. Caso não fique satisfeito com a solução apresentada, de posse do protocolo, contate a Ouvidoria Corporativa Itaú: 0800 570 0011 (em dias úteis das 9h às 18h) ou Caixa Postal 67.600, São Paulo-SP, CEP 03162-971. Deficientes auditivos, todos os dias, 24h, 0800 722 1722.